

apresentação

Rafael Bonavina

Durante as discussões sobre a composição de um número amplo e variado sobre a representação do trabalhador urbano na cultura brasileira, uma das ideias discutidas foi a abordagem da estética do realismo socialista e sua influência na nossa literatura. Talvez o exemplo mais claro desse ponto de contato soviético-brasileiro seja Jorge Amado, um escritor amplamente traduzido e lido na URSS e que chegou a ser condecorado pelo governo soviético com o prêmio Lenin “Pelo fortalecimento da Paz entre os povos” em 1951. Considerando a relativa escassez de material em língua portuguesa, foi proposta uma seção de traduções de textos que permitissem um primeiro contato do pesquisador interessado pelo tema, ainda que de maneira muito incipiente.

Os quatro textos que o leitor encontrará a seguir buscam apresentar, de maneira muito panorâmica, a tensão entre o discurso oficial sobre a literatura soviética e as posições contrárias a ele. Para isso, escolhemos um recorte cronológico condensado: o começo dos anos 1930. Nesse contexto histórico, podemos abordar a gênese da estética do realismo socialista, sem tocar na complexa discussão dos rumos tomados pela linha geral do Partido ao longo do século XX. Infelizmente não dispomos de espaço para o debate desse tema, que exigiria um olhar muito atento para a relação entre política, história e as diretrizes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

O primeiro texto da seleção é “Sobre o realismo socialista”, aqui traduzido por Ana Carolina Barros Vasques, publicado inicialmente no primeiro número da revista *Estudo literário* (1933). O ensaio apresenta ao leitor um bom exemplo da concretização das expectativas e demandas do PCUS para a literatura. Maksím Górkki, autor do texto, discute a necessidade e a composição de uma nova literatura, escrita por um novo tipo de escritor e como ela precisaria divergir da tradição burguesa.

Entre os muitos aspectos criticados por Górkki, um dos centrais é a matéria a ser representada pelos novos escritores. Como o leitor poderá perceber, o ensaísta rejeita a representação do passado burguês, considerando que ele deveria ser deixado para trás, e conclama os escritores a participar ativamente da construção de um futuro socialista – e necessariamente positivo – no presente. Essa expectativa de Górkki pode ser sintetizada na seguinte frase: “a facilidade de representação crítica do passado desvia os autores da necessidade de representar os grandiosos eventos e processos do presente”. Nota-se ao longo da leitura que o tom geral do texto é de otimismo absoluto, cujo ápice aparece nas últimas linhas, nas quais se atribui um papel quase messiânico ao PCUS, caracterizado como “o guia do povo trabalhador do país inteiro e professor do proletariado de todos os países”.

Para complementar o ensaio teórico, trazemos a transcrição de um pronunciamento do mesmo autor, realizado em 1935 e publicado sob o título “A nossa

literatura é a literatura mais influente do mundo”, conforme a tradução de Davi Villaça. Nesse discurso, Górkí preserva o tom geral de “Sobre o realismo socialista”, marcado pelo triunfalismo e otimismo – evidentes aqui já pelo título da palestra – e aprofunda algumas questões para a compreensão das expectativas do Partido para a arte.

Os pressupostos que fundamentam os dois textos são muito parecidos, como o leitor poderá averiguar, inclusive quanto à prescrição de uma nova arte voltada menos para o passado burguês que para “a realidade do futuro”. Em outras palavras, uma das funções da arte seria apresentar o projeto partidário da futura nação soviética para o trabalhador. Sem isso, diz Górkí, “não entenderemos o que é o método do realismo socialista”. De um ponto de vista crítico, prescreve-se a subordinação da arte à propaganda, que buscava representar não só um futuro ideal e igualitário, mas um presente “heroico e maravilhoso”, maquiando os problemas vividos pela população.

Saindo do âmbito da propaganda oficial, nessa mesma época, o jornal *Boletim da Oposição* publicou na sua edição de junho de 1933 um artigo intitulado “Sobre a política do Partido no terreno da arte e da filosofia”, traduzido aqui por Henrique Canary. Nesse texto, o ferrenho opositor do stalinismo, Leon Trótski, expõe suas concepções sobre qual deveria ser o posicionamento do Partido em relação às artes: “a garantia da liberdade individual de criação necessária e a não transmissão ao Partido da responsabilidade por todos os caminhos adotados”. Nota-se uma clara contraposição em relação às diretrizes stalinistas, representadas aqui pelas falas de Górkí, indício de que Trótski acompanhava de perto o desenvolvimento do crescente controle cultural exercido pela burocracia stalinista.

A agudeza das críticas de Trótski o levaram à expulsão da URSS – o que ocorreu antes da publicação do artigo, vale ressaltar –, mas seu exílio não pôs fim à perseguição política. Pelo contrário, mesmo fora da União Soviética, Trótski sofreu diversos atentados, alguns inclusive ceifaram a vida de seus familiares e amigos. Até que, em 20 de agosto de 1940, Jaime Ramón Mercader del Río, um agente secreto do governo stalinista, o alcançou no México e o golpeou com uma picareta na cabeça, em decorrência do que Trótski morreria no dia seguinte. A lamentável notícia correu o mundo inteiro com uma velocidade vertiginosa. Na URSS, só em 24 de agosto o *Pravda* publicou o necrológio “A morte de um espião internacional”, cujo conteúdo acompanha o título. Ramón Mercader foi condenado à pena máxima pelo tribunal mexicano. Quando foi libertado, em 1960, Mercader foi à URSS, onde foi agraciado com as medalhas de Herói da União Soviética e a Ordem de Lênin.

Apesar da sua particularidade, a trajetória de Trótski pode ser compreendida como um exemplo da realidade de muitos membros da intelligentsia soviética, perseguidos pelo governo da URSS por suas críticas às diretrizes do PCUS. No entanto, ela nos faz pensar que, se um intelectual que atravessou a cortina de ferro corria tanto perigo assim, qual seria a situação de um intelectual crítico à linha geral stalinista que vivesse dentro das fronteiras da URSS?

Sem a pretensão de darmos uma resposta à questão de maneira definitiva, e nos atendo à discussão de um ponto de vista estético, trouxemos para o leitor a carta que Mikhail Bulgákov envia ao governo soviético em 28 de março de 1930, aqui traduzida por Raquel Siphone. Como o leitor poderá verificar, o texto nos permite discutir um dos limites do realismo socialista, pois, segundo o autor, o teor satírico de grande parte de sua obra não cabia no projeto do PCUS para o sistema literário soviético. Em certo sentido, o tom triunfal defendido por Górkí, o estilo realista tradicional e a quase imposição de uma perspectiva positiva sobre o

presente e o futuro socialista não coadunavam com a derrisão crítica da obra bulgakoviana, como em “Coração de cachorro” ou em “Diaboliada”, e Bulgákov não pretendia mudar seu estilo para caber nas expectativas do Partido.

A carta de Bulgákov, por um lado, tem como pretexto pedir um emprego que o permita viver dignamente, e isso já se configura como crítica mordaz, afinal um autor de sua estirpe afirma estar “na miséria, na rua e à beira da morte” no país em que todos os trabalhadores vivem bem, segundo a propaganda oficial. Por outro lado, a construção argumentativa nos apresenta um autor muito consciente do desprezo que a crítica stalinista tinha por sua obra, apesar da repercussão muito positiva que seus trabalhos recebiam na crítica ocidental. Dessa forma, ao expor essa contradição, o escritor habilmente sugere que o problema não seria a sua obra, mas a incompetência dos críticos em apreciá-la.

Em certo sentido, a argumentação da epístola parece sugerir que o autor também escrevia sua carta como um testemunho crítico da formação do sistema cultural soviético, o que salta aos olhos, principalmente, ao apresentar os conselhos recebidos por Bulgákov de outros intelectuais de seu tempo: escrever uma peça comunista, isso é, nos moldes esperados pelo PCUS; e uma carta ao governo pedindo desculpas e renunciando todas as opiniões presentes nos textos literários até ali. Segundo o autor de *O mestre e a margarida*, essa seria a fórmula para “escapar da perseguição, da miséria e da inevitável morte ao final”, Bulgákov se contrapõe à postura hipócrita desses intelectuais e se recusa a fazer isso. Ao invés de um pedido de desculpas, ele escreve uma carta extremamente crítica e cheia de ironia.

Para concluir, como dito anteriormente, buscamos apresentar ao leitor uma perspectiva estética da contradição entre o triunfalismo da propaganda oficial soviética dos anos 1930 e seu sistemático apagamento dos problemas sociais. A complexidade desse assunto, no entanto, faz desta seção menos uma síntese que um ponto de partida para futuras pesquisas sobre o realismo socialista, a influência desse estilo na nossa literatura ou mesmo do contato entre as culturas soviética e brasileira.

Aproveitamos a ocasião para agradecer à doutora Marina Darmaros pelo cotejo e preparação das traduções, que ganharam muito com seu olhar atento.

Boa leitura!